

## PSICOPOLÍTICA

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2018, 117p.

Título original: Psychopolitik: *Neoliberalismus und die neuen Machttechniken*

Valéria Lima Bontempo\*

O filósofo Byung-Chul Han, nascido em Seul e radicado na Alemanha desde a década de 80, tem ampliado a cada dia o número de leitores, graças a sua grande habilidade e perspicácia para decodificar os meandros das sociedades contemporâneas. Autor de vários ensaios sobre globalização e hipercultura, Han, atualmente, leciona filosofia e estudos culturais na Universität der Künste, em Berlim. Na obra *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, Byung-Chul Han mantém o estilo límpido e esclarecedor, que marca suas demais obras: *Sociedade do cansaço*, *Sociedade da transparência*, *Topologia da violência*, *Agonia do Eros*, dentre outras.

Ao analisar o indivíduo e as novas formas de poder na sociedade contemporânea, o autor dialoga com alguns dos principais pensadores da tradição filosófica e, especificamente em *Psicopolítica*, estabelece uma viva interlocução com Kant, Hegel, Karl Marx, Freud, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Horkheimer, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Giorgio Agamben, dentre outros. Os temas abordados nessa obra são desafiadores e profundos, mas, definitivamente, Byung-Chul Han não se enquadra no *hall* dos autores obscuros. Suas ideias, conceitos e interpretações se revelam em frases curtas, linguagem clara e sem academicismos. Todavia, mantém o devido rigor filosófico que os temas merecem.

Será que a garantia de uma vasta rede de informações nos torna mais livres? Essa é uma das perguntas que Han busca responder em sua obra. Curiosamente, sua resposta é um não em alto e bom som. Nesse ponto, chama-nos a atenção a frase de abertura da obra, que ora resenhamos - *Proteja-me do que quero* -, de Jenny Holzer. Tal frase parece cumprir a função de alertar seus leitores quanto aos perigos da própria ideia de liberdade. Sua tese é que nas sociedades atuais existe um controle psicopolítico, no qual os indivíduos são seduzidos

---

\* Mestre em filosofia/UFMG. Doutoranda em filosofia. Professora de Filosofia na PUC Minas. E-mail: [valerialimabontempo@hotmail.com](mailto:valerialimabontempo@hotmail.com).

por novas formas de poder e de bom grado disciplinam a si mesmos, dispensando medidas autoritárias. Na sociedade do controle digital é melhor seduzir do que proibir. A todo instante os indivíduos são convidados a comunicar e compartilhar seus desejos sem a utilização de nenhuma medida impositiva. Assim, a liberdade torna-se uma constante em nossa sociedade. Entretanto, ela é usada para nos manipular. No entendimento de Han, a presença da liberdade não aponta para o surgimento de sujeitos verdadeiramente livres. Os indivíduos estão apenas travestidos de uma “suposta liberdade”, visto que na prática eles se submetem de maneira amigável e espontânea às demandas do sistema, tornando-se cada vez menos cidadãos.

A obra *Psicopolítica* está estruturada em 13 (treze) tópicos, a saber: crise da liberdade, poder inteligente, a toupeira e a serpente, biopolítica, o dilema de Foucault, a cura como assassinato, choque, o amável grande irmão, o capitalismo da emoção, gamificação, *big data*, para além do sujeito e idiotismo. Já no seu primeiro tópico – “Crise da liberdade”, o filósofo deixa claro que não compartilha da ideia de que somos sujeitos livres.

O neoliberalismo, como mutação do capitalismo torna o trabalhador um *empreendedor*. Não é a revolução comunista, e sim o neoliberalismo que elimina a exploração alheia da classe trabalhadora. Hoje cada um é um *trabalhador que explora a si mesmo para a sua própria empresa*. Cada um é senhor e servo em uma única pessoa. (p. 14).

Face a essa autoexploração, a distinção entre uma burguesia, que explora e o proletariado, que é explorado, não se sustenta mais. O ponto é que todos somos dominados por uma espécie de ditadura do capital, a qual representa uma nova forma de transcendência e de subjetivação.

Outra face desse novo poder técnico exercido pela psicopolítica se mostra na chamada ditadura da transparência. A rede digital utilizada expressa uma liberdade ilimitada, em que tudo é revelado. Diferentemente do pan-óptico benthaminiano, que buscava impedir a conversa entre os prisioneiros, o pan-óptico digital é pautado na intensa comunicação de seus integrantes. Em nome da transparência, a comunicação é cada vez mais acelerada e quaisquer barreiras nesse processo devem ser eliminadas. Uma das consequências dessa “economia da transparência” é a supressão de divergências. “A comunicação é aplainada como que por moderadores invisíveis e rebaixada à condição de consenso.” (p. 21).

Outro aspecto, enfocado por Han, é quanto à distinção entre o poder disciplinar e o poder inteligente. O poder disciplinar é marcado pela negatividade e por uma tentativa de coagir o outro para obedecer às suas ordens, podendo se manifestar de diferentes formas,

inclusive pela violência. Já o poder inteligente não é necessariamente proibitivo ou mesmo algo que se oponha à liberdade. É capaz de criar situações nas quais as pessoas são levadas a se submeterem à dominação por vontade própria. Assim, ele é mais afável do que repressor.

Apoiando-se no filósofo Gilles Deleuze, Han explicita que em uma sociedade na qual o poder é disciplinar os ambientes de reclusão são fechados. Escolas, prisões, hospitais, fábricas, dentre outras instituições são espaços de confinamento onde tudo se organiza como corpo. Por isso, trata-se de um controle biopolítico. “Em vez de torturar o corpo, o poder disciplinar o insere em um sistema de normas.” (p. 34). Basta ver que, desde o século XVII, de acordo com Foucault, a função do poder não é mais matar ou *torturar* e, sim, submeter o sujeito a obrigações. Ocorre que esse *pan-óptico* exercido pelo poder disciplinar não tem acesso aos pensamentos ou às necessidades íntimas dos indivíduos. Com isso, a biopolítica, enquanto uma técnica fundada no controle dos corpos, torna-se inadequada para a sociedade neoliberal, visto que ela usa prioritariamente as estatísticas demográficas e não possui acesso ao psíquico.

Distintamente, a sociedade neoliberal visa basicamente explorar a *psique* dos indivíduos, buscando fornecer um *psicograma* da população. A proposta é acessar até mesmo o próprio inconsciente individual ou coletivo dos indivíduos. De acordo com Byung-Chul Han,

O neoliberalismo como forma de evolução ou mesmo como mutação do capitalismo não se preocupa primariamente com o ‘biológico, o somático, o corporal’. Antes, descobre a psique como força produtiva. A virada para a psique e, em consequência, para a psicopolítica, também está relacionada à forma de produção do capitalismo atual, pois ele é determinado por modos imateriais e incorpóreos. São produzidos objetos intangíveis, como informações e programas. O corpo como força produtiva não é mais tão central como na sociedade disciplinar biopolítica. (p. 40).

Assim, o conceito de biopolítica de Foucault é inadequado para os dias atuais. Em vez de fazermos resistências corporais e/ou psíquicas para enfrentar a dominação, o *neuro-enhancement*, enquanto um recurso que indica um crescente rendimento psíquico para garantir a otimização da produtividade, através de medicamentos, substitui as técnicas psiquiátricas disciplinares. O próprio corpo assume o lugar de um objeto de otimização estética e não mais ortopédica.

De modo geral, Byung-Chul Han aponta para um ponto cego na analítica do poder de Foucault, pois ela não reconhece o neoliberalismo como dominador de todas as tecnologias do eu, nem enfoca que a “otimização permanente de si como técnica de si liberal não seja nada

mais que uma forma eficiente de dominação e exploração” (p. 43). A questão é que o indivíduo neoliberal, ao buscar o máximo de desempenho em suas ações, porta-se como um empresário de si mesmo.

Na perspectiva do regime neoliberal, o otimismo torna-se um imperativo e qualquer empecilho para a sua realização deve ser tratado terapeuticamente e curado. A lógica é sempre manter a positividade e o otimismo. O desempenho e a eficiência do indivíduo devem ser elevados ao grau máximo. Não há nenhuma preocupação com a vida boa, visto que só vale o sucesso mercantil daquilo que pode ser mensurável. A autoexploração decorrente desse processo tem como consequências a depressão, a síndrome de *burnout* (esgotamento), o colapso mental, dentre outras doenças mentais. Numa luta interminável para aumentar seu desempenho, o eu estabelece uma guerra consigo mesmo.

Outro ponto abordado por Byung-Chul Han é que o “regime liberal emprega as emoções como recursos para alcançar mais produtividade e desempenho. A partir de um certo nível de produção, a *racionalidade*, que representa o *médium* da sociedade disciplinar, atinge seus limites” (p. 65). A racionalidade começa a mostrar-se como algo rígido, e a emoção é tomada como a expressão da liberdade subjetiva exatamente por ser volátil e flexível. A economia neoliberal foca na emoção como fator essencial para o processo de produção, e o capitalismo da emoção chega a “gamificar” o mundo do trabalho e da vida. Gamificar é uma dinâmica de jogos usada para engajar as pessoas influenciando seu comportamento em diferentes contextos. “O jogo emocionaliza e até dramatiza o trabalho, criando assim mais motivação. Através da rápida sensação de realização e do sistema de recompensas, o jogo gera mais desempenho e rendimento.” (p. 69). E por que isso ocorre? Ocorre porque o jogador, sob a influência das emoções, mostra-se muito mais envolvido do que quando age somente a partir da razão.

## **OS BIG DATA: O QUE SÃO E O QUE FAZEM?**

Os *big data* são um instrumento psicopolítico com uma vasta capacidade para obter uma grande quantidade de conhecimentos sobre dinâmicas de comunicação social. “Trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo.” (p. 23). Com os *big data* tudo pode ser mensurável e quantificável. E o que isso significa? Significa que através dos *big data*, a psicopolítica digital aponta para o fim da pessoa e do livre-arbítrio, visto que cada “dispositivo, cada técnica de dominação,

produz seus próprios objetos de devoção, que são empregados para a submissão, *materializando* e estabilizando a dominação” (p. 24).

Assim, os *big data* têm uma amplitude muito mais eficaz que o pan-óptico de Bentham, que buscava controlar os ambientes de confinamento, mas sempre a partir de uma perspectiva. Para Han, o pan-óptico de Bentham apresenta inevitáveis “pontos cegos nos quais os prisioneiros podem perseguir seus pensamentos e desejos secretos sem serem notados” (p. 78). Diferentemente do pan-óptico de Bentham, a óptica digital é capaz de vigiar de qualquer ângulo, visto que ela é *aperspectivista* e pode controlar até mesmo a *psique*. Com os *big data* pode-se ter uma visão global do objeto visado. Tanto é que a empresa americana de *big data* Acxiom tem como *slogan*: “oferecemos uma visão em 360 graus dos seus clientes.” (p. 78).

Os *big data* têm a capacidade de reunir uma quantidade imensa de dados. Entretanto, eles não produzem uma clareza quanto ao real significado desses dados, que passam a ser absolutizados, dispensando uma compreensão mais profunda deles. Chris Anderson, autor do livro *O fim da teoria*, chamou de dataísmo esse processo no qual os dados usados como subsídios para entender o presente, o passado e, conseqüentemente, prever o futuro são marcados pelo fetichismo e pelo totalitarismo, visto que o foco é tão somente transformar tudo em informação sem uma preocupação com o sentido desses dados.

De acordo com Han, no dataísmo há uma espécie de niilismo, uma vez que os números e os dados são apenas aditivos e não revelam uma narrativa com sentido. Basta ver que uma das técnicas do dataísmo é o *quantified self*, cuja proposta é o autoconhecimento através dos números. Tudo passa a ser mensurado, “[...] a temperatura corporal, os níveis de glicose no sangue, a ingestão e o consumo de calorias, os deslocamentos ou os níveis de gordura corporal. Até mesmo nos momentos de repouso o desempenho e a eficiência têm importância” (p. 83). A pergunta de Han é: - será que esse acúmulo de dados consegue responder – quem sou eu? Sua hipótese é que não, visto que o *quantified self*, enquanto uma técnica dadaísta de si não produz autoconhecimento. Ao contrário, ela é uma técnica na qual o *self* é completamente esvaziado de sentido. O dataísmo “esvazia o automonitoramento (*selftracking*) de qualquer ética e verdade e o transforma em mera técnica de autocontrole. Os dados coletados também são publicados e trocados. Assim, o automonitoramento se assemelha cada vez mais à autovigilância” (p. 85).

Diante da capacidade dos *big data* de registrar tudo, Han observa que talvez eles tenham condições de oferecer uma imagem mais completa de nosso caráter e até de nossos

desejos inconscientes do que nós mesmos. A partir das análises de Walter Benjamin sobre o uso da câmera de cinema para acessar o inconsciente óptico, Byung-Chul Han afirma que a “microfísica dos *big data* tornaria visíveis *actomes*, isto é, *microações* que escapariam à consciência. Os *big data* também poderiam promover padrões coletivos de comportamento dos quais não seríamos conscientes como indivíduos” (p. 89). Nota-se, assim, que a psicopolítica digital teria até mesmo a capacidade de intervir no comportamento inconsciente dos indivíduos.

O ponto é que com os *big data* cria-se um novo tipo de sociedade de classe digital. Aqueles indivíduos com um baixo poder econômico têm seus pedidos de empréstimos negados e são excluídos do sistema graças ao que Han nomeou de ban-óptico, que é um “[...] dispositivo que identifica como indesejadas as pessoas estranhas ou hostis ao sistema e as exclui [...]” (p. 91). Se, de um lado, o “pan-óptico” de Jeremy Bentham monitora e disciplina os incluídos no sistema, o “ban-óptico” já intervém para garantir sua eficácia e segurança, eliminando aqueles que são economicamente inúteis.

Não se pode negar que os *big data* são capazes de realizar uma acumulação contínua de informações. Todavia, os seus dados expressam simplesmente uma adição de informações. Se a memória humana é uma narrativa na qual o esquecimento faz parte de sua estrutura, a memória digital funciona de forma distinta. Freud, citado por Han, explicita que a memória humana é um organismo vivo onde diferentes momentos temporais se influenciam mutuamente e, portanto, se revelam de diversas maneiras. Assim, nunca conseguiremos recuperar o passado da mesma forma. Já a memória digital “[...] se constitui de momentos presentes indiferentes [...] Falta-lhe esse horizonte temporal estendido que constitui a temporalidade dos viventes [...] A temporalidade do digital é a dos mortos-vivos” (p. 93). Ou seja, é como se ela fosse formada por uma série de “momentos zumbis”. A questão é que na perspectiva dos *big data*, distintamente da memória humana, tudo pode ser mensurável e nada é esquecido. Enfim, com a memória digital todas as correlações, que até então pareciam secretas, podem ser reveladas.

Han explicita que os *big data* sugerem ser possível um conhecimento absoluto e verdadeiro sobre a realidade. Entretanto, para Hegel (apud HAN, 2018, p. 95), o “[...] conceito é imanente às coisas mesmas; por ele, as coisas são o que são; e conceituar um objeto significa, por isso, ser consciente de seu conceito”. Sendo assim, um conhecimento pleno só é alcançado quando o significado de um conceito ou de uma informação é possível. No caso dos *big data* isto não é possível, visto que as suas correlações são muito precárias, e

as informações continuamente adicionadas a eles “[...] substituem a causalidade. O *é assim mesmo* substitui o *por quê*” (p. 93).

Ainda ancorando-se nas ideias de Hegel, Han explicita que o conceito deveria então ter a forma de um silogismo justamente porque pressupõe tudo que nele está envolvido. “O conceito é uma unidade que envolve (*ein-schließt*) e *concebe* (*ein-begreift*) em si os seus momentos. Tem a forma de um silogismo [...], no qual tudo está envolvido [...]” (p. 95). Basta ver que uma concepção integral entre A e B só é alcançada mediante um conceito C, “[...] que conceitualiza dentro de si A e B, através do qual ambos são conceitualizados. [...] Portanto, A e B são momentos de um terceiro, superior” (p. 95).

Vale lembrar que, na visão de Hegel, o silogismo não se trata de um aspecto da lógica formal, pois ele “[...] ocorre quando o começo e o fim de um processo formam uma conexão com sentido. Portanto, ao contrário de uma mera adição de informação, típica dos *big data*, a narração é um silogismo” (p. 97). A narração e o próprio conhecimento são formas de silogismo, pois possuem ritmo e tempo próprios, não estando submetidos a uma aceleração típica da rede digital, em que até mesmo as tensões são dissipadas. Os *big data*, contrariamente ao conhecimento de caráter narrativo, são apenas promotores de informações acumulativas. Não atendem assim, as exigências de um demorar-se contemplativo, que possibilite a formação de uma conclusão, a qual é imprescindível ao silogismo conforme descrito por Han. “Hoje, a própria percepção é incapaz de silogismos, ou seja, de conclusão, porque está zapeando na rede digital infinita. Ela se dispersa totalmente”. E é exatamente em função dessa realidade que Han é levado a afirmar que se a racionalidade é um “[...] silogismo, então a era dos *big data* é uma era sem razão” (p. 98).

Outro problema dos *big data* diz respeito à sua incapacidade de acessar aquilo que é único. Eles valorizam apenas o que pode ser padronizado. Assim, tudo que é estranho e diferente é eliminado. Com isso, as divergências deixam de existir, pois tudo tem que ser mostrado instantaneamente.

#### *Para além do sujeito*

Han recorre a Foucault para mostrar que o termo sujeito significa estar submetido e a ideia de experiência representa exatamente a possibilidade de quebrar com esse processo de sujeição. A experiência considera a descontinuidade e abre espaço para que ocorra uma transformação. Foucault (apud HAN, 2018, p.106) destaca que a experiência em Nietzsche, Blanchot e Bataille é uma estratégia para “rasgar o sujeito de si mesmo, de modo que não seja mais ele próprio, ou que seja a sua destruição ou a sua dissolução”. Sendo assim, a

experiência expressa um contraponto à dominação estabelecida pela psicopolítica neoliberal. A noção de acontecimento, enquanto algo que vai além do que pode ser medido e calculado, também é outra ideia usada por Han para ajudar o indivíduo a escapar da sujeição. O acontecimento arranca o sujeito da submissão, pois realiza rupturas que possibilitam a criação de novos espaços de liberdade.

Han explicita que por “acontecimento Foucault entende ‘a inversão de uma relação de forças’, a ‘queda de um poder’, a reconfiguração de uma fala e seu uso contra o falante anterior.’ No acontecimento subitamente se fala outra língua. Há uma quebra da certeza dominante que invoca uma constelação do ser completamente diferente” (p.106). Foucault sustenta a ideia de que a arte de viver é fruto da prática da liberdade. Com isso, a vida só vale a pena se o indivíduo criar, a partir dele mesmo, todas as suas qualidades e relações realizando, assim, um enfrentamento da submissão exercida pela psicopolítica. Isso significa que o sujeito precisa ser esvaziado para que finalmente viva de forma livre, ou seja, de uma maneira que ainda não tem nome.

*Idiotismo: uma proposta de resistência ao domínio da psicopolítica neoliberal*

Byung-Chul Han conclui sua obra apresentando uma proposta para enfrentar o poder neoliberal de dominação, a qual é chamada de idiotismo. E em que consiste o idiotismo? Han explicita que de acordo com Deleuze, o “[...] filósofo que produz um novo pensamento terá sido necessariamente um idiota. Só o idiota tem acesso ao *completamente Outro*. O idiotismo torna acessível ao pensamento *um campo de imanência de acontecimentos e singularidades* que escapa a qualquer subjetivação e psicologização” (p.109). Nessa perspectiva, Sócrates é um exemplo de idiota exatamente por saber que nada sabe. Também Descartes é exemplo de um idiota por colocar tudo em dúvida. Observa-se que nesse contexto, o termo idiota não tem um sentido pejorativo. Ao contrário, o idiotismo em Descartes trata-se de contração interna do pensamento, a qual possibilita o pensar a si mesmo.

Entretanto, Han destaca que diante desse idiota que duvida de tudo para alcançar evidências, tem-se a filosofia de Deleuze, que expressa um outro tipo de idiotismo, no qual o que se busca é o absurdo. Afirma Deleuze, citado por Han (p. 110): “O antigo idiota queria o verdadeiro, mas o novo quer fazer do absurdo a mais alta potência do pensamento, isto é, criar.” De acordo com Han, o idiotismo é uma filosofia que tem a capacidade de quebrar a violência do consenso, que marca a sociedade atual. A conformidade e a mesmice devem ser combatidas. “Diante da coerção da comunicação e da conformidade, o idiotismo representa uma prática da liberdade.” (p. 111).



O idiota na modernidade é alguém que resiste a uma comunicação acelerada, desviando-se assim da ortodoxia e da conformidade. Ele é capaz de fazer escolhas livremente, e a sua rebeldia perturba a comunicação plana do que é igual, “o idiotismo erige espaços abertos de silêncio, quietude e solidão nos quais é possível dizer algo que realmente merece ser dito” (p.112). Han lembra que Deleuze, ao abordar sobre a política do silêncio, mostra que ela é uma ferramenta para enfrentar a política neoliberal, pois na atualidade o problema não é mais ter liberdade para opinar e, sim, criar espaços de silêncio e solidão que permitam identificarmos o que realmente é raro e que deve ser dito. Hoje, no lugar de sermos impedidos de expressar nossas opiniões, somos seduzidos para manifestá-las.

Nessa lógica, Byung-Chul Han explicita que o “idiotismo inaugura um espaço virginal, a distância que o pensamento necessita para se preparar para uma fala inteiramente distinta”. (p.113). Han usa o termo *idiot savan* para indicar aquele indivíduo que tem acesso a um conhecimento diferenciado do padrão, justamente porque ele vive da distância. O *idiot savan* não é o indivíduo que simplesmente está informado e conectado, mas é alguém que se liberta do conceito, abrindo, assim, possibilidades de “acesso ao *inteiramente Outro*” (p.14). O *idiot savan* não se limita a fazer uso da inteligência, a qual está presa a fazer escolhas dentro de um sistema determinado. Ele de fato faz livres escolhas. A idiotice é tratada, então, como algo delicado e transparente, em função do seu grande potencial criativo.

Han finaliza sua obra destacando que Gilles Deleuze, em *A imanência: uma vida*, trabalha a ideia de imanência, enquanto a expressão de uma beatitude, ou seja, de um estado constante de satisfação e tranquilidade. A imanência na perspectiva de Deleuze seria a potência completa da vida, pois ela não estaria submetida a nada. A imanência “[...] se basta a si mesma. Sobre esse plano de imanência da vida não se pode erigir nenhuma ordem de dominação” (p.116). A imanência como vida seria uma estratégia para superar a alienação e enfrentar o controle do sistema. O idiota é aquele que tem acesso ao plano da imanência, visto que a “[...] vida imanente é em torno do vazio mais leve, mais rica, até mais livre” (p. 116).

Assim, o idiota é alguém que consegue fazer uma resistência frente à dominação do sistema e é capaz de arrancar o sujeito de si mesmo de modo que possa ser livre e lançar-se no tempo vazio. Enfim, o idiota não é o indivíduo que se submete ao controle da lógica neoliberal. E como bem explicita Byung-Chul Han (p. 117), citando Strauss: o “idiota não é um sujeito, é antes uma existência em flor: simples abertura à luz.” E é exatamente para encontrar subsídios que ajudem a brotar o idiotismo, enquanto uma filosofia que preza pela

resistência às novas formas de poder do neoliberalismo, que a obra *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, de Byung-Chul Han, merece ser conferida.